



## KIERKEGAARD E A FUNÇÃO DO TÉDIO NA EXISTÊNCIA

DOI: <https://doi.org/10.4013/con.2022.182.07>

Thiago Costa Faria

Doutor em Filosofia pela PUC-Rio. Professor EBTT Cefet/RJ.

[thiagofilosofia@yahoo.com.br](mailto:thiagofilosofia@yahoo.com.br)

<http://lattes.cnpq.br/4261578878912567>

### RESUMO:

Kierkegaard se refere mais detidamente ao tédio (*Kjedsomhed*) em três momentos distintos: como uma unidade negativa (“O conceito de ironia”), como o princípio do movimento (“Ou-Ou”, primeira parte) e como o demoníaco (“O conceito de angústia”). Apesar de o tédio ser um conceito marginal na obra de Kierkegaard, não significa que seja filosoficamente irrelevante. O propósito deste artigo é mostrar que o tédio desempenha uma função discreta, mas fundamental, no que concerne à atualização do si mesmo (*Selv*). Defendo a hipótese de que o tédio pode ser compreendido como uma disposição agenciadora que tem como objetivo último o engajamento do indivíduo com a realidade efetiva (*Virkelighed*). Enquanto o estágio estético responde indevidamente ao tédio – tentando anulá-lo por meio ora do prazer, ora da imaginação e ora da reflexão –, o ético-religioso o confronta com a seriedade (*Alvor*) que é exigida pela existência.

### PALAVRAS-CHAVE:

Tédio. Seriedade. Existência.

KIERKEGAARD AND THE FUNCTION OF BOREDOM IN EXISTENCE

### ABSTRACT:

Kierkegaard refers to the notion of boredom (*Kjedsomhed*) in three different moments of his work. Firstly, as a negative unity (“The Concept of Irony”). Secondly, as a principle of motion (“Either/Or”, part one). Finally, as the demonic (“The Concept of Anxiety”). Although boredom is a marginal notion in Kierkegaard’s thought, it does not mean that it is philosophically irrelevant. The purpose of this paper is to show that boredom plays a discreet but fundamental role in the actualization of the Self (*Selv*). I argue that boredom may be understood as a disposition which aims to engage individuals with actuality (*Virkelighed*). While the aesthetic stage does not deal appropriately with boredom—trying to prevent it through pleasure, imagination, or reflection—, the ethical-religious faces it with the earnestness (*Alvor*) demanded by existence.

**KEYWORDS:**

Boredom. Earnestness. Existence.

## 1. Introdução

Devido à pandemia do novo coronavírus, todos tivemos de enfrentar períodos reclusos. Nossa rotina foi abruptamente modificada, e não nos restou muito a fazer senão aguardar o fim de uma quarentena que parecia infundável. Durante esse tempo experimentamos, talvez mais intensamente, estados emocionais como medo, angústia e, claro, o tédio. Para fugirmos desse último, tentamos de tudo, mas nada parecia funcionar por muito tempo.

Artigos em jornais, livros e revistas científicas foram publicados a respeito do tédio (TALBOT, 2020; VELASCO, 2021; MARTARELLI, WOLFF, 2020). O que é o tédio? Como devemos nos relacionar com esse fenômeno? Ele é necessariamente um estado negativo? Qual é a sua causa e qual seria o seu propósito? Embora uma quarentena prolongada pareça ser, por assim dizer, uma condição suficiente para despertar o tédio nas pessoas, não seria, entretanto, uma condição necessária. O tédio parece ser um fenômeno presente em qualquer época e que pode ocorrer em qualquer contexto. Presumivelmente, não haveria um único ser humano que não tenha se sentido (ou não venha a se sentir) entediado no decorrer da sua existência. Tanto a atualidade quanto a relevância do tema são certamente o motivo por trás do crescente interesse em torno do tédio e do número cada vez maior de pesquisas dedicadas a compreender tal fenômeno.

Curiosamente, foram os dinamarqueses, entre o final do século XVII e início do século XVIII, os responsáveis pelo primeiro registro oficial do qual se tem notícia do verbete “tédio” (SVENDSEN, 2006, p. 25). Apesar disso, o filósofo dinamarquês que dedicou obras inteiras à análise da angústia e do desespero não fez da noção de tédio um dos seus temas principais, embora tenha se ocupado de tal noção em algumas ocasiões. Em *O conceito de ironia* (1841), Kierkegaard se refere ao tédio (*Kjedsomhed*)

como sendo a única forma de continuidade da qual o indivíduo irônico dispõe (KIERKEGAARD, 2006, p. 246 | SKS 1: 320<sup>1</sup>). Seria no tédio e por meio do tédio que a multiplicidade das tonalidades afetivas do indivíduo irônico encontraria a sua unidade.

Kierkegaard, porém, não desenvolveu o tema do tédio na sua dissertação. Somente com a publicação da primeira parte de *Ou-Ou*, em 1843, é que o tema é retomado e desenvolvido. A, um dos pseudônimos de Kierkegaard, dedicou-lhe alguns aforismos no capítulo intitulado *Diapsalmata*, que abre o *Ou-Ou*, assim como um capítulo inteiro ao final dessa mesma obra, intitulado *A rotação de culturas*. Encontramos neste último uma afirmação bastante contundente acerca do tédio, em que lemos que ele é a raiz de todo mal (KIERKEGAARD, 2013, p. 317 | SKS 2: 275); na sequência, somos apresentados a uma técnica mnemônica para se lidar com o tédio (KIERKEGAARD, 2013, p. 324 | SKS 2: 281). Contudo, o que particularmente considero mais importante e que utilizarei como hipótese de trabalho é a afirmação de A segundo a qual o tédio é uma força negativa que, por repulsão, aciona o movimento (KIERKEGAARD, 2013, p. 317 | SKS 2: 275).

No ano seguinte, em 1844, Vigilius Haufniensis (mais um dos pseudônimos kierkegaardianos) também escreveria alguns breves comentários sobre o tédio, os quais estão concentrados no caput IV, §2, de *O conceito de angústia*. Ao analisar a angústia diante do bem, Haufniensis apresenta o tédio como pertencente à categoria do demoníaco, isto é, como aquilo que é sem conteúdo e hermeticamente fechado (KIERKEGAARD, 2010, p. 141 | SKS 4: 434).

Não pretendo me ater a um estudo puramente descritivo de como o filósofo dinamarquês compreendia o tédio, mas empreender uma investigação que possibilite pensar o tédio em Kierkegaard em conexão com os resultados de estudos contemporâneos baseados em evidências. Tais estudos provêm das áreas da psicologia e da neurociência e se ocupam do mesmo objeto: o tédio. Portanto, o método empregado neste trabalho será o de uma revisão integrativa entre alguns resultados da psicologia empírico-experimental e certas intuições kierkegaardianas a respeito do tédio. A discussão sobre se é desejável ou não, se é legítimo ou não reunir estudos empíricos com questões ético-existenciais e, mais especialmente, se não seria uma espécie de heresia submeter o pensamento de Kierkegaard a esse tipo de abordagem interdisciplinar, podemos deixar para outro momento.

Com relação aos estudos científicos referidos acima, concentrei minha atenção em uma única fonte. Trata-se do capítulo intitulado *Boredom: What Is It Good For?*, que faz parte da coletânea *The Function of Emotions: When and Why Emotions Help Us* (2018). O principal autor desse capítulo é o professor, pesquisador e neurocientista James Danckert, um dos líderes contemporâneos dos estudos e

---

<sup>1</sup> SKS é a abreviação para *Søren Kierkegaards Skifter*. Ver citação completa nas referências.

pesquisas sobre o tédio. Embora concentrar-se em uma única fonte tenha como desvantagem a obtenção de resultados parciais e algo limitados, possui, por outro lado, a vantagem de permitir delimitar melhor o objeto de estudo deste artigo. A pergunta sobre a utilidade do tédio feita por Danckert e seus colaboradores suscitará respostas que, por seu turno, nos ajudarão a responder qual função o tédio desempenha ou poderia desempenhar na existência humana. O leitor notará que, por vezes, seguindo-se à exposição de alguma característica do tédio em Kierkegaard, interpolarei estudos e evidências científicas que parecem reforçar, elucidar ou coadunar com o que o autor dinamarquês propõe.

Não é minha intenção oferecer um panorama do estado da questão sobre o tédio, nem no que concerne às pesquisas científicas nem no que toca aos estudos kierkegaardianos propriamente ditos. Em relação ao primeiro, o próprio Danckert menciona algumas das pesquisas mais relevantes acerca do tédio, suas principais hipóteses e resultados. O leitor poderá encontrar tais referências no capítulo acima citado. Em relação ao segundo, não me consta, até o presente momento, que alguém tenha tentado essa aproximação entre as intuições kierkegaardianas sobre o tédio e as áreas da neurociência e da psicologia experimental. Por outro lado, é relativamente fácil encontrar abordagens que relacionam o tédio kierkegaardiano com a noção de tédio em Heidegger ou que, em todo caso, optam por uma abordagem fenomenológica do problema (PROTÁSIO, 2017; COSTA, FEIJOO, 2020; CORDEIRO, 2021). Da mesma forma, é comum encontrar abordagens que enfatizam o caráter negativo ou supostamente niilista do tédio (MCDONALD, 2009; FERRO, 2012; WADHAMS, 2020; VARGAS, 2021).

Independentemente do tipo de abordagem, parece que todos esses autores que trataram do problema do tédio em Kierkegaard são unânimes ao afirmar que o tédio é um estado negativo que impede o indivíduo de se tornar si mesmo e que, portanto, deve ser superado. Quanto a isso, o que eu proponho neste artigo não tem nada de original. Porém, enquanto eles parecem assumir que o tédio opera sempre com vistas a manter o indivíduo atolado em algum estado inautêntico de existência, defendo que o tédio (pelo menos em uma de suas formas) pode e deve ser reabilitado como um fenômeno cujo principal objetivo é justamente estimular o indivíduo a tornar sua existência mais significativa.

Utilizarei as obras *O conceito de ironia*, *Ou-Ou* e *O conceito de angústia* como referências para analisar a noção de tédio e, mais especificamente, a função que o tédio poderia desempenhar no pensamento de Kierkegaard. Fixarei, entretanto, minha análise em *A rotação de culturas (Ou-Ou)*, uma vez que é nesse texto que o tema do tédio está mais explicitamente desenvolvido. A partir dessa análise, farei algumas breves observações, nas considerações finais, sobre a forma negativa como Kierkegaard (em *O conceito de ironia*) e Vigilius Haufniensis (em *O conceito de angústia*) se referem ao tédio. Também recorrerei pontualmente a essas duas últimas obras para complementar a análise de *A rotação de*

*culturas*, tomando emprestado delas um conceito ético-religioso que não se encontra n' *A rotação* e que, creio, reforça a tese que apresento neste trabalho.

A tese que proponho é a de que o tédio pode ser compreendido como um estado que impulsiona a atualização do si mesmo (*Selv*), concitando-o a assumir a existência com seriedade (*Alvor*). O argumento que utilizarei em favor dessa tese se baseia em evidências segundo as quais o tédio seria um estado cognitivo e emocional que se relaciona com a busca de um engajamento significativo com o mundo (DANCKERT *et al.*, 2018). A função do tédio seria, então, sinalizar o desperdício de nossos recursos e habilidades cognitivas, a fim de que possamos continuar em movimento até encontrarmos alguma atividade ou tarefa que seja significativa para nós (DANCKERT *et al.*, 2018; SVENDSEN, 2006). Qual atividade ou tarefa é esta seria, por sua vez, determinado pelo modo como respondemos ao tédio. Poderíamos respondê-lo, kierkegaardianamente falando, de um modo estético, ético ou religioso. Dependendo do modo empregado, poderíamos lidar com o tédio de maneira positiva ou negativa, mas, ao que parece, nunca propriamente eliminá-lo de uma vez por todas da nossa existência.

## 2. Tédio como princípio do movimento: um sinal de alerta

A é o responsável por nos apresentar o tédio como uma espécie de força motriz da existência. Nas suas palavras: “É deveras curioso que o tédio, que é em si mesmo de uma essência tão tranquila e plácida, possa ter uma tal força para accionar movimento” (KIERKEGAARD, 2013, p. 317 | SKS 2: 275). Diferentemente do Motor Imóvel aristotélico, o princípio do movimento do qual A nos fala não atrai os seres para si, mas os repele: “É um efeito acima de tudo mágico, o exercido pelo tédio, só que este efeito não é de atração, mas de repulsão” (KIERKEGAARD, 2013, p. 317 | SKS 2: 275). O movimento causado por esse efeito repulsivo pode ser entendido, creio, tanto em um sentido mais estético (como a busca de distrações e diversão) quanto em um sentido mais ético-religioso (como a atualização do si mesmo). Embora A esteja interessado no movimento estético, meu objetivo neste trabalho é justamente acenar para a possibilidade de uma conciliação entre o tédio e o movimento na direção do ético-religioso. Contudo, como esse aceno será realizado a partir da análise crítica d' *A rotação de culturas*, concentrar-me-ei no modo como A, um esteta, responde ao tédio enquanto tento, ao mesmo tempo, apontar o porquê de sua resposta ser insatisfatória de um ponto de vista kierkegaardiano.

A primeira qualidade a ser reconhecida e celebrada naquela formulação de A sobre o tédio é a sua perspicácia e, arrisco dizer, sua originalidade. Afirmar que o tédio é uma força que impulsiona o movimento, em vez de pensá-lo *exclusivamente* como uma força paralisante ou letárgica, não só desfaz

um equívoco comum, como antecipa em pelo menos um século as observações feitas por cientistas que tratam do tema. Entretanto, é de acordo com essas mesmas observações que eu gostaria de refinar a definição de **A**.

O tédio sinalizaria que precisamos sair do estado de torpor ou, mais precisamente, do estado de *falta de engajamento* no qual nos encontramos. Não só sinalizaria, como efetivamente nos impulsionaria a nos engajar em alguma atividade (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 94). Mas como o tédio conseguiria fazer isso? Causando-nos aquele desconforto cognitivo típico de quando estamos entediados. Como queremos escapar desse desconforto, tornamo-nos inquietos, em busca de algo que tenha o potencial de nos ocupar. Gosto de pensar no tédio como uma espécie de *paixão sem objeto*, uma vez que ele nos instiga à execução de alguma tarefa ou à realização de algum propósito, sem nos indicar, no entanto, que tarefa ou propósito seriam estes. No tédio conserva-se um desejo vago e geral, mas suficientemente intenso, que produz em nós um segundo desejo: o desejo de encontrar um objeto adequado para a nossa atenção – objeto este que, entretanto, permaneceria indeterminado.

**A** é um autor esteta e, portanto, aborda o problema do tédio de um ponto de vista estético. Em um primeiro momento, **A** parece relacionar a atividade estética com a busca de diversão e entretenimento, os quais preveniriam e anulariam o tédio (KIERKEGAARD, 2013, p. 318 | SKS 2: 275). Se, por um lado, a diversão repeliria o tédio, por outro, o tédio clamaria por diversão. Relacionar-se corretamente com o tédio significaria, portanto, utilizá-lo como um meio ou um móbil em direção à diversão. De fato, conforme Danckert *et al.* (2018, p. 94), todos que já experimentaram o tédio sabem: trata-se de uma *emoção desagradável*, que nos coloca em um estado de *inquietação e agitação irritadiça* – o que contraria a descrição poética de **A** acerca de uma suposta “essência tão tranquila e plácida” do tédio. Em um estado desses de inquietação, é natural que desejemos alguma diversão ou entretenimento. Mas por que ficamos assim, o que nos faz entrar nesse estado? Seria simplesmente o resultado da falta de diversão como **A** parece sugerir?

Não me parece que **A** esteja de todo errado neste ponto, apenas não foi suficientemente preciso ao, aparentemente, delimitar o tédio à falta de diversão. Estou convencido de que o tédio é o resultado da *falta de engajamento* dos nossos recursos cognitivos (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 94). Essa falta de engajamento não se restringe à falta de diversão: ficamos entediados quando não encontramos *nada* com o que ocupar a nossa mente, seja divertido ou não. O tédio funcionaria, então, como um sinal de que estamos subutilizando importantes recursos (como energia, atenção e, claro, tempo).

## 2.1 Tédio da plebe e tédio dos nobres: trabalho, ócio e diversão

A categoriza o tédio em dois grupos distintos: o grupo no qual os indivíduos causam tédio aos outros e o grupo no qual os indivíduos causam tédio a si mesmos. No primeiro grupo, encontramos o *tédio da plebe* (ou da multidão), que seria aquele tédio típico dos trabalhadores braçais: “Os que não se entediam são em geral aqueles que de uma outra maneira andam muito ocupados pelo mundo, porém, precisamente por esse motivo, estes são os mais entediados de todos, os mais insuportáveis” (KIERKEGAARD, 2013, p. 321 | SKS 2: 278). Isso significa que não é só a diversão que preveniria o tédio (como A parecia sugerir no começo), mas também o trabalho.

Ora, a afirmação de que quem se mantém ocupado não se entedia está em perfeita consonância com a nossa tese. Porém, é interessante notar o que A afirma no final da citação: que essas classes populares que estariam sempre muito ocupadas tentando sobreviver são insuportavelmente entediadas. Poderíamos, então, imaginar que essas mesmas classes populares das quais A nos fala não teriam muito mais a oferecer aos olhos de um observador do que o exercício diário de uma atividade laboral extremamente maçante, mecânica, repetitiva e desinteressante. Contudo, parece contraintuitivo pensar que o exercício diário de tal atividade laboral *não é* igualmente entediante para aquele que a executa.

Situações *monótonas*, aparentemente *sem sentido* ou nas quais estamos *contra a nossa vontade* são indutoras do tédio, mas, de fato, não seriam *elas mesmas* a causa do tédio (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 108). O que causaria o tédio é não ser capaz de encontrar algum valor ou significado nessas situações e, conseqüentemente, não ser capaz de se engajar com elas (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 108). O modo como o indivíduo encara a realidade imediatamente dada parece ser mais determinante para o seu bem-estar cognitivo e emocional (prevenir o tédio, agir com propósito, sentir-se realizado) do que quaisquer contingências situacionais (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 109). A escassez de possibilidades não precisa significar escassez de sentido – e a capacidade de fazer com que o horizonte de sentido transcenda determinadas condições materiais e históricas me parece uma habilidade não apenas útil como imprescindível. Por outro lado, quando não conseguimos nos engajar com determinada situação (como um trabalho burocrático ou mecânico) e ficamos entediados, inevitavelmente a experimentamos como sendo desprovida de sentido e, portanto, inútil em termos de realização pessoal (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 109).

Em oposição ao tédio da plebe, A propõe a existência de uma segunda forma de tédio, o *tédio dos nobres*. Enquanto a plebe se mantém ocupada e entedia os outros, os nobres se mantêm desimpedidos e entendiam a si mesmos: “e como é estranho que aqueles que não se entediam a si mesmos em geral

entediem os outros, os quais, ao invés, se entendiam a si mesmos, entretendo os outros” (KIERKEGAARD, 2013, p. 321 | SKS 2: 278). A não é muito claro em relação à espécie de entretenimento que os nobres entediados ofereceriam. Poderíamos talvez pensar nos escândalos da alta sociedade que alimentam os tabloides ou, ainda, nas extravagantes festas que seus membros costumam promover – ou, talvez, seja o caso de que o tédio do homem nobre entretém os demais porque não deixa de chamar a atenção e, de certa maneira, ser cômico pensar que alguém que tem tudo não sinta satisfação com nada.

Em todo caso, importa-nos muito mais descobrir por que o homem nobre é entediado. A parece creditar essa espécie de tédio autoinduzido dos nobres ao fato de que lhes sobra bastante tempo ocioso, uma vez que não teriam de trabalhar para sobreviver. Contudo, de acordo com o próprio A, o ócio não é um mal em si; pelo contrário, é um bem, contanto que esse tempo ocioso não seja tomado e preenchido pelo tédio:

É costume dizer-se que o ócio é uma raiz de todo mal. Para impedir o mal, recomenda-se o trabalho. Entretanto, vê-se facilmente, tanto pela temida ocasião como pelo remédio recomendado, que toda esta observação é de extracção muito plebeia. O ócio, nessa sua qualidade, não está de todo na raiz do mal, pelo contrário, constitui uma vida verdadeiramente divina, quando não nos entediamos. (KIERKEGAARD, 2013, p. 321 | SKS 2: 278-279).

O desafio parece ser então o de engajar os recursos cognitivos em alguma atividade que não seja laboral, isto é, que não seja uma obrigação (monótona, rígida, exaustiva) relacionada à sobrevivência. Em outras palavras, tratar-se-ia de encontrar uma atividade que preserve a sensação de *autonomia* do homem. Que atividade seria essa? Se não é o trabalho, o que poderia ser? De acordo com A, a atividade à qual o homem deve dedicar-se é a diversão, e eu acrescentaria: pois só na diversão o homem *supostamente* conseguiria utilizar seus recursos cognitivos de maneira autônoma. Quanto à importância da diversão na vida humana, A comenta: “Como entretanto o povo acredita que trabalhar é uma determinação humana, então, a oposição ócio-trabalho está certa. Tenho para mim que a determinação do homem é divertir-se, a minha oposição não está por isso menos certa” (KIERKEGAARD, 2013, p. 322 | SKS 2: 279). A diversão parece, portanto, ser uma espécie de meio-termo entre o trabalho (ocupação heterônoma) e o ócio absoluto (ausência de qualquer ocupação).

Contudo, A adverte que nem todos os tipos de diversão empregados contra o tédio teriam igual valor, isto é, nem todos responderiam adequadamente ao tédio. Haveria, por exemplo, diversões que gerariam mais tédio, perpetuando ou agravando o problema: “Uma diversão errada, em geral excêntrica, também contém em si o tédio, e é desse modo que ele avança, mostrando-se como o imediato”

(KIERKEGAARD, 2013, p. 323 | SKS 2: 280). É necessário, portanto, encontrar a diversão certa e, de modo ainda mais fundamental, é necessário saber *como* divertir-se.

## 2.2 Princípio da delimitação: a arte de se esquecer e de se lembrar

A, então, apresenta-nos o seu método contra o tédio. Este consiste no “[...] *princípio da delimitação* [*Begrændsnings Princip*], o único princípio salvífico no mundo” (KIERKEGAARD, 2013, p. 324, grifo meu | SKS 2: 281). Tal princípio estabelece que a diversão, o gozo estético e, conseqüentemente, a superação do tédio, devem ser encontrados não na variedade e multiplicidade dos estímulos exteriores, mas na criatividade ou *imaginação* do indivíduo. Este, por sua vez, deve ser capaz de se entreter com estímulos mínimos e prosaicos, os quais, porém, em virtude da sua força imaginativa, ganham intensidade (KIERKEGAARD, 2013, p. 324 | SKS 2: 281-282). Daí a analogia com a rotação de culturas, que dá título ao ensaio escrito por A: não é a terra (as condições externas) que precisa ser modificada, mas a maneira como a cultivamos, como lidamos com as condições externas. Esse cultivo demanda delimitação por parte do indivíduo, isto é, que ele seja capaz de se entreter consigo próprio, de tal modo que a sua imaginação supere a própria realidade.

É inteiramente coerente com a personalidade estética de A que ele tenha proposto a imaginação como a resposta mais adequada ao tédio. A é uma espécie de poeta que prefere o possível, o idealizado, ao real. Ora, a experiência do tédio seria uma experiência que se inicia justamente com uma *realidade* que é insatisfatória, pouco estimulante, com a qual não conseguimos nos engajar. Ao adotar o princípio da delimitação para prevenir o tédio, A está prevenindo o seu próprio engajamento com o mundo, na medida em que a imaginação está sendo utilizada como um refúgio da realidade efetiva.

Se a função do tédio for realmente fazer com que o indivíduo se engaje de maneira significativa com a realidade (como eu creio que seja), então um princípio ou método baseado no predomínio da imaginação sobre a realidade certamente não parece ser a resposta adaptativa mais adequada ao tédio. Pelo contrário, ela se revelará como completamente disfuncional. Ironicamente, A formula o princípio da delimitação para evitar cair não só no tédio ordinário, circunstancial, que todos nós sentimos vez ou outra, mas para evitar cair também em um tipo de tédio mais grave, que ele chamou de *panteísmo demoníaco* (KIERKEGAARD, 2013, p. 322 | SKS 2: 279). A ironia está em que a utilização do seu método o levará diretamente ao mesmo panteísmo demoníaco que ele desejava evitar.

De acordo com o método de A, delimitar-se é o mesmo que viver artisticamente e viver artisticamente é o mesmo que delimitar-se (KIERKEGAARD, 2013, p. 325 | SKS 2: 282). Esse estilo de vida artístico, criativo, poético, é justamente o do eu romântico, o qual é duramente criticado por

Kierkegaard em *O conceito de ironia*. O eu romântico suspende a realidade efetiva para viver poeticamente. Há, contudo, algo de desesperador e terrível na vida poética. Para se viver poeticamente, é necessário, por assim dizer, aprender a cruzar os portões do inferno. De acordo com A, o indivíduo que deseja escapar do tédio deve, antes, ser capaz de abandonar suas esperanças: “Só quando se lançou a esperança borda fora, só então se começa a viver artisticamente, enquanto se tem esperança, não é possível delimitar-nos” (KIERKEGAARD, 2013, p. 325 | SKS 2: 282). A esperança inviabilizaria a delimitação do eu romântico – este mesmo eu que enxerga na existência poética, na delimitação de si, a saída do tédio.<sup>2</sup> O indivíduo esperançoso não seria capaz de se delimitar porque na esperança há um fator externo que ele não controla (e em relação ao qual, portanto, só pode esperar), enquanto na delimitação de si tudo deve estar sob controle, pois tudo precisa ser criação do eu. A esperança está sempre acenando para a possibilidade de que algo exterior (e, às vezes, improvável) venha a acontecer, como se em tal acontecimento residisse a única chance de nos tornarmos finalmente e verdadeiramente felizes.

Em lugar da busca ilimitada por mudança – que acabaria, inexoravelmente, em dor e mais tédio –, em lugar de uma esperança que adia indefinidamente a existência e que não sabe fazer outra coisa senão aguardar por aquilo que nunca chega, A propõe que aprendamos as artes da *recordação* e do *esquecimento* (KIERKEGAARD, 2013, p. 325 | SKS 2: 282). Ao ser capaz de dominar tais artes, o eu romântico faz com que a realidade perca sua substancialidade, faz com que ela não se imponha mais, e, como consequência, ele se torna capaz de se mover mais livremente pela existência (KIERKEGAARD, 2013, p. 325 | SKS 2: 282). Isso só é possível porque a lembrança poética não se atém ao fato passado, mas, ao lembrá-lo, recria-o, modifica-o, de modo que a realidade já não exerce nenhuma – ou muito pouca – cogência sobre a lembrança, prevalecendo a imaginação sobre a concreção do fato, o qual passa a ser apenas uma *ocasião* para a criação poética.<sup>3</sup>

Não estando a lembrança poética firmemente ancorada na realidade, esta acaba sendo facilmente esquecida; aliás, tal lembrança poética é o próprio esquecimento da realidade: “Quanto mais poeticamente se lembra, tanto mais fácil é esquecer, pois lembrar poeticamente é propriamente uma mera expressão para esquecer” (KIERKEGAARD, 2013, p. 326 | SKS 2: 282). Como viver poeticamente exige que se domine as artes da recordação e do esquecimento, A adverte que é necessário não se entregar de maneira irrefletida aos prazeres, pois experiências demasiadamente intensas poderiam gerar uma recordação sobre a qual o indivíduo não teria mais controle: “Goze-se logo tudo até às últimas, retirando continuamente o

<sup>2</sup> Sobre os conceitos de esperança e recordação, ver Kierkegaard (2013, p. 258 ss | SKS 2: 216), “O mais Infeliz”.

<sup>3</sup> Sobre o conceito de ocasião, ver Kierkegaard (2013, p. 272 | SKS 2: 229), “O Primeiro Amor”.

máximo que o prazer pode oferecer e, então, nem será capaz de recordar, nem de esquecer” (KIERKEGAARD, 2013, p. 326 | SKS 2: 282).

### 2.3 Modos regulatórios de orientação: locomoção e avaliação

Ao contrário da ideia mais comum que se tem do esteta kierkegaardiano – como aquele que vive na pura imediatez sensual e para a satisfação de prazeres sensíveis –, o eu romântico, poético, pode ser altamente reflexivo. Um exemplo paradigmático disso em *Ou-Ou* é Johannes, o autor/personagem do famigerado *Diário do Sedutor*. Por razões que extrapolam o escopo deste trabalho, estou convencido de que o tipo reflexivo é o representante por excelência do estádio estético – o que, certamente, não significa que o tipo mais imediato esteja excluído desse mesmo estádio. Estão ambos lá. O que os une sob a categoria do estético é a falta de seriedade com relação à existência, isto é, sua falta de engajamento com a realidade. Nesse momento, porém, gostaria de me deter no que os diferencia.

De um ponto de vista psicológico, parece que o que os diferencia são os seus *modos regulatórios de orientação*. A função da atividade autorregulatória é ajustar nossos pensamentos, emoções e comportamento a fim de que possamos responder de maneira funcional aos estímulos que chegam até nós (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 103). A atividade autorregulatória nos permite não só responder adequadamente às demandas do mundo, como também traçar os meios apropriados para realizarmos nossos objetivos. Contudo, como podemos notar naqueles dois tipos estéticos citados acima, essa atividade autorregulatória não é homogênea, isto é, não é a mesma para todos os indivíduos, uma vez que diferentes indivíduos têm preferências diferentes quanto aos meios de buscar os seus fins.

No que toca o problema do tédio, haveria dois modos regulatórios de orientação que possuem particular interesse para nós: o de *locomoção* (*locomotion*) e o de *avaliação* (*assessment*) (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 103). Os indivíduos que se enquadram no modo de locomoção gostam de explorar as possibilidades, assumem mais riscos, são práticos e preferem o feito ao perfeito. Já os indivíduos que se enquadram no modo de avaliação analisam cautelosamente as possibilidades, não gostam de correr riscos, são indecisos e buscam a perfeição no que fazem. (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 103) A diferença crucial entre ambos giraria em torno do *cálculo dos riscos* (ou *custos de oportunidade*): enquanto os primeiros são mais tolerantes com relação às possíveis perdas que suas decisões podem acarretar, os segundos não suportam a ideia de fazer uma escolha errada, uma escolha que seja menos do que ótima (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 103).

A meu ver, indivíduos estéticos que são movidos preferencialmente pela busca do prazer sensual e de novidades – como o célebre *Don Juan* de Mozart para quem A chega inclusive a dedicar um ensaio

inteiro, intitulado *Os Estádios Eróticos Imediatos* – enquadram-se como “locomotores”, ao passo que os indivíduos estéticos como A, que “pensam demais” e “sonham acordados” (i. e., que são mais sensíveis e propensos à reflexão e à imaginação), enquadram-se como “avaliadores”. Os locomotores são mais predispostos à *ação* e têm menos tendência a desenvolver um tédio crônico (*trait boredom*) (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 104). As características presentes nos locomotores sugerem que manter o tédio afastado não é uma questão apenas de se estar constantemente engajado em alguma atividade, mas também de ter facilidade para mudar de objetivo quando o atual já não consegue mais engajar nossos recursos cognitivos (pensemos, por exemplo, na facilidade com que Don Juan passava de um alvo para outro). Já os avaliadores – como parece ser o caso de A em particular e do eu romântico em geral – são mais predispostos à *deliberação* e teriam, portanto, mais tendência a desenvolver um tédio crônico (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 104).

#### 2.4 Tédio circunstancial e tédio crônico

Poderíamos, portanto, falar de dois tipos de tédio. Acredito que essa distinção será fundamental para pensarmos a real função que o tédio desempenha ou poderia desempenhar no pensamento de Kierkegaard. O próprio A parece ter intuído tal distinção quando, por exemplo, faz referência a um tédio demoníaco e a um tédio não demoníaco em *A rotação de culturas*. Contudo, enquanto A se concentrou em apresentar um método contra o tédio não demoníaco, Kierkegaard e Haufniensis preferiram enfatizar o caráter problemático do tédio demoníaco.

A partir de uma análise psicológica, poderíamos falar então de um *tédio enquanto estado ou tédio circunstancial* (*state boredom*) e de um *tédio enquanto traço ou tédio crônico* (*trait boredom*) (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 101). O tédio circunstancial seria ativado para sinalizar que estamos subutilizando nossos recursos cognitivos e que necessitamos nos engajar em alguma atividade (que é, creio, o tipo de tédio que está sendo tratado por A em *A rotação de culturas*, mas, em geral, não nos *Diapsalmata*). Já o tédio crônico seria causado pelas reiteradas falhas em se responder adequadamente ao sinal do tédio circunstancial. O tédio crônico seria, ainda segundo minha leitura, o tipo de tédio que Kierkegaard atribuiu ao eu romântico em *O conceito de ironia* e que Haufniensis relacionou à falta de liberdade em *O conceito de angústia*.

O tédio crônico surgiria quando o tédio circunstancial permanece reiteradamente sem resposta. Então, aquela experiência que deveria ser momentânea acaba se relacionando com o indivíduo como se fosse um traço de sua própria personalidade. Mas o que levaria alguém a ser incapaz de responder satisfatoriamente ao tédio? O tédio crônico pode ser explicado como o resultado de uma deficiência na

*atividade autorregulatória* do indivíduo, que o impede de regular adequadamente seus pensamentos, emoções e ações (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 102). Indivíduos que possuem pouco *autocontrole*, isto é, uma atividade autorregulatória pouco eficiente, estariam mais propensos a sentir um tédio crônico.

Contudo, não é o autocontrole deficitário que geraria diretamente o tédio crônico, mas, sim, os reiterados fracassos em se lidar com o tédio circunstancial (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 102). A falta de autocontrole faria com que o indivíduo fracassasse sistematicamente em produzir respostas adequadas ao tédio circunstancial e esses sucessivos fracassos torná-lo-iam cronicamente entediado.

Em suma, enquanto o tédio circunstancial pode ser considerado um elemento cognitivo e existencial útil, na medida em que nos sinaliza um problema a ser resolvido e nos incita à realização de algum propósito, conforme Danckert *et al.* (2018, p. 110), o tédio crônico caracterizar-se-ia como um comportamento completamente disfuncional, do qual, aparentemente, não se pode obter qualquer benefício; ao contrário, estaria associado a transtornos psicossociais como depressão, raiva, falta de propósito pessoal, ansiedade etc. (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 112).

A correlação entre o modo regulatório avaliativo e o tédio crônico sugere que o avaliador fica preso na fase deliberativa, sem conseguir se decidir por algum outro objetivo que tenha o potencial de engajar seus recursos cognitivos (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 104). É como se, ao calcular as possíveis perdas de cada escolha à disposição, ficasse paralisado, como se cada uma dessas perdas fosse irreparável. Nos avaliadores, a deliberação se torna *ruminação*, isto é, um excesso de reflexão (tão criticado por Kierkegaard) que, em vez de os ajudar a tomar uma decisão justificada, previne qualquer decisão e, conseqüentemente, qualquer ação (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 104-105). Novamente, é como se todas as opções à disposição do avaliador fossem igualmente críticas, fazendo com que ele sinta *medo* das conseqüências potencialmente negativas de qualquer uma delas (DANCKERT *et al.*, 2018, p. 105). Nenhuma opção se destaca: não porque sejam todas igualmente indiferentes (como os defensores da tese que relaciona tédio e niilismo propõem), mas porque todas são igualmente importantes, críticas, complexas. Conseqüentemente, o medo de falhar faz com que o avaliador acabe sentindo dificuldade de se comprometer com a realização de objetivos – e quanto mais significativo um determinado objetivo ou tarefa parecerem ao indivíduo avaliador, tanto maior será o seu evitamento. Esse evitamento em assumir tarefas que exigem engajamento, sacrifício, paciência e perseverança para serem realizadas revela que o indivíduo não deseja ou não se sente capaz de assumir a sua própria existência com seriedade.

A propõe um princípio que, se bem aplicado, garantir-nos-ia um total controle sobre o modo como experimentamos a realidade e, em última instância, sobre a própria realidade. Então, era de se esperar que o eu romântico (que é quem, supostamente, faria uso desse princípio) possuísse um modo regulatório de

orientação eficiente, o que deveria mantê-lo afastado do tédio. Mas, ironicamente, o caso é que o princípio da delimitação parece ser, apesar de atraente, o produto de um modo regulatório (ou atividade autorregulatória) ineficiente e, portanto, configurar-se-ia como uma resposta igualmente ineficiente ao tédio circunstancial. Prender-se a esse princípio resultaria, então, em um tédio crônico – aparentemente o mesmo tipo de tédio que **A** considera como demoníaco: “O tédio é o panteísmo demoníaco. Ao permanecer nele enquanto tal, então, o tédio torna-se o mal; ao invés, assim que é relevado, então, é verdadeiro; mas é relevado apenas através do divertir-se – *ergo* o homem deve divertir-se” (KIERKEGAARD, 2013, p. 322 | SKS 2: 279). Essa diversão, como já vimos, seria regida pelo princípio da delimitação. O princípio que **A** nos oferece promete-nos mais controle sobre a realidade e menos tédio, porém, ao contrário, parece que nos entrega menos engajamento com a realidade e um tédio demoniacamente crônico.

Em todo caso, é interessante notar que, na citação mencionada acima, **A** reconhece que o tédio não é em si o mal, pois, segundo ele, sua força repelente nos empurraria em direção à diversão, que ele considera um bem. O mal está em permanecer no tédio; em outras palavras, o mal estaria em permanecer sem um engajamento significativo com a realidade – que, para **A**, significa ou aproveitar mal o ócio ou ocupar-se com a própria subsistência. Parece que apenas a fruição estética de si mesmo tem significado e valor para **A**. A realidade, na melhor das hipóteses, seria uma ocasião para essa autofruição e, na pior, um empecilho. No entanto, se não quisermos permanecer no tédio nem o afugentar a todo custo, e sim, antes, quisermos encará-lo com a seriedade devida, então a realidade não se apresentará nem como uma simples ocasião interessante nem como um obstáculo a ser superado, mas como uma dádiva e uma tarefa.

## 2.5 A seriedade da tarefa

O eu romântico (ou irônico) suspende a realidade efetiva. Mas o que, de fato, constitui a realidade efetiva (*Virkelighed*) para Kierkegaard? Ou, em outras palavras, o que exatamente o eu romântico suspende quando suspende a realidade efetiva? A suspensão da realidade efetiva implica viver poeticamente. Como sabemos, a vida poética do eu romântico está situada no estágio estético da existência. A fim de continuar vivendo poeticamente, o eu romântico não está disposto a realizar a transição para o estágio ético ou ético-religioso. Mais do que isso, ele *nega* a própria validade do modo de vida ético:

Por essa atitude, ele entra constantemente em colisão com a realidade a que pertence. Torna-se por isso importante *suspende* aquilo que é o constituinte da realidade efetiva,

aquilo que a ordena e sustenta, isto é, *a moral e a vida ética* (KIERKEGAARD, 2006, p. 244-245 | SKS 1: 318).

Em oposição à existência poética dos românticos, Kierkegaard propõe que nos relacionemos com a realidade em termos de tarefa (*Opgave*) e dom (*Gave*): “Mas a realidade (a realidade histórica) entra *em relação* com o sujeito *numa dupla maneira*: parte como *um dom*, que não se deixa desdenhar, e parte como *uma tarefa*, que quer ser realizada” (KIERKEGAARD, 2006, p. 238 | SKS 1: 312). A realidade é uma tarefa porque exige que o indivíduo se comprometa com a sua realização. Comprometer-se com a realidade implica, necessariamente, que o indivíduo se comprometa com o seu próprio desenvolvimento, com a atualização do seu si mesmo nas condições efetivas da existência – que é justamente o que o tédio que chamamos de circunstancial parece favorecer. Ora, é precisamente tal comprometimento que falta ao eu romântico, uma vez que este simplesmente suspende a realidade dada por meio da ironia. A meu ver, a atitude irônica do eu romântico faz com que o tédio circunstancial – que, apesar de desagradável, é em última instância potencialmente benéfico – se torne em tédio crônico. Com a realidade suspensa, o eu (romântico/irônico) torna-se paralisado diante de possibilidades que jamais chegam a se efetivar.

*Sua realidade [a da ironia] é somente possibilidade.* Com efeito, se o indivíduo agente deve estar em condições de resolver sua tarefa de realizar a realidade efetiva, então ele tem de se sentir integrado em um contexto maior, tem de sentir a seriedade da responsabilidade, tem de sentir e respeitar todas as consequências racionais (KIERKEGAARD, 2006, p. 241 | SKS 1: 315).

A realidade seria um dom porque é um bem historicamente dado, que nos antecede e por cujo estabelecimento não fomos responsáveis. Para Kierkegaard (2006, p. 239 | SKS 1: 313), a realidade não é o produto de um eu absoluto ou de uma subjetividade demiúrgica, mas, antes, trata-se de um estado de coisas no qual já nos encontramos inseridos. Contudo, o eu romântico não aceita esse dom. Autocentrado, preso em sua própria reflexão e imaginação, ele rechaça qualquer continuidade, qualquer vínculo significativo, entre a sua própria existência e a realidade efetiva. Mas esse não é o único tipo de continuidade que o eu romântico – cronicamente entediado porque cronicamente reflexivo – rechaça. Ele também evita estabelecer qualquer continuidade na sua própria existência, pois, afinal, ele não se engaja com nenhuma tarefa, com nenhum objetivo, com a realização de nenhum ideal. Contudo, sem continuidade é impossível desenvolver-se – e o desenvolvimento da existência, de si mesmo, é afinal um processo pelo qual o indivíduo é responsável (KIERKEGAARD, 2006, p. 242 | SKS 1: 316).

Não basta que se aceite o dom, é preciso fazer bom uso dele. Em outras palavras, é necessário que o indivíduo assuma, com comprometimento e responsabilidade, a sua relação consigo, com os outros e com a realidade que o cerca, o que é a própria marca de uma vida ética e ético-religiosa. A relação do indivíduo com a realidade implica, portanto, ação e responsabilidade: “Mas *a realidade* é também, para o

indivíduo, *uma tarefa (Opgave) que quer ser realizada*” (KIERKEGAARD, 2006, p. 241 | SKS 1: 315). Ao receber esse dom, isto é, ao encontrar-se em uma realidade já dada, o indivíduo estaria, a cada momento, circunscrito a situações determinadas, assim como também estaria ligado a um passado que lhe serve como referência e que lhe dá continuidade (*Continuerlighed*): “Este passado quer então ter validade para o indivíduo, não quer ficar despercebido ou ser ignorado” (KIERKEGAARD, 2006, p. 239 | SKS 1: 313). Seja como for, o tédio não permite que ignoremos por muito tempo o fato de que não estamos fazendo um bom uso do nosso dom.

Para Kierkegaard, só pode haver verdadeira seriedade quando as ações e a disposição para agir estão inseridas e subordinadas a uma totalidade que, em lugar de ser produzida pelo indivíduo, o antecede e o abrange. Seria somente a partir dessa totalidade – que é a própria realidade efetiva – que se poderia formar uma visão de mundo séria ou, se se quiser, positivamente determinada (KIERKEGAARD, 2006, p. 206 | SKS 1: 272). Toda e qualquer tentativa de comprometimento ou disposição para agir que ignore essa totalidade e se recuse a relacionar-se com ela de maneira positiva não é (não pode ser) séria. Tomar a realidade a sério, agir com seriedade, significa, portanto, relacionar-se de modo positivo com ela, tirá-la da esfera da negatividade e da possibilidade (própria do tédio crônico) a fim de efetivamente realizá-la.

Contudo, segundo Kierkegaard, esse comprometimento com uma visão de mundo positivamente determinada não pode ficar à mercê dos humores do indivíduo, os quais, por natureza, são instáveis. Além do mais, tal subordinação aos humores seria próprio do estágio estético, no qual não há seriedade (a categoria própria do estético é outra: a do interessante [*det Interessante*]). A seriedade exige, antes de tudo, continuidade:

Na medida que o irônico, com a licença poética maior possível, se cria a si mesmo e ao mundo circundante, na medida que assim ele vive sempre no modo hipotético e subjuntivo, a sua vida *perde toda a continuidade*. Com isso, ele se submete totalmente ao estado de ânimo (*Stemning*). Sua vida se reduz a *meras disposições afetivas (lutter Stemninger)* (KIERKEGAARD, 2006, p. 245 | SKS 1: 319).

Continuidade significa, portanto, que o indivíduo não sujeita sua existência às diversas disposições afetivas que se seguem umas às outras, e sim que está no controle delas; em outras palavras, significa que não é a visão ou intuição de mundo que deve estar subordinada à multiplicidade das paixões, mas as paixões que devem estar subordinadas à visão de mundo. Aplicando isso à questão do tédio, poderíamos afirmar que dominar o tédio é justamente possuir um modo regulatório que permite ao indivíduo responder a ele de modo apropriado, sem, portanto, decair em um tédio crônico que mina a autonomia do indivíduo. Mais do que em um estado afetivo ou em uma disposição momentânea de ânimo, a existência ético-religiosa se fundamenta na seriedade e na continuidade, isto é, no compromisso sempre reiterado

com a realidade efetiva, mesmo quando a disposição para tanto venha a esmorecer ou ser seduzida para outras direções. Na existência ético-religiosa as disposições ou tonalidades afetivas são submetidas à continuidade e à seriedade, e encontram nestas a sua unidade. A unidade das tonalidades afetivas corresponde, em última instância, à unidade do si mesmo.

Já na existência estética, o fluxo desgovernado das tonalidades ou disposições afetivas impede a continuidade e a seriedade, mantendo o indivíduo disperso. Aliás, Kierkegaard diz que existe, sim, uma forma de continuidade no irônico: a do tédio. Seria no tédio – e eu acrescentaria: no tédio crônico – que as múltiplas tonalidades afetivas do eu romântico (ou irônico) encontram a sua unidade:

*Tédio é a única continuidade* que o irônico tem. Tédio, esta eternidade sem conteúdo, esta felicidade sem gozo, esta profundidade superficial, esta saciedade faminta. Mas o tédio é precisamente a unidade negativa assumida numa consciência pessoal, em que os contrários desaparecerem (KIERKEGAARD, 2006, p. 246-247 | SKS 1: 320).

Porém, como está dito, trata-se aqui de uma unidade negativa, demoníaca, que em nada corresponde ao tédio circunstancial e seus benefícios. A unidade positiva da personalidade ou da consciência – em todo caso, do si mesmo – só pode existir no indivíduo sério, isto é, naquele indivíduo que assume a tarefa de se responsabilizar por um dom pelo qual ele não pediu, mas que, mesmo assim, foi posto diante de si. Contudo, por mais difícil que seja a tarefa, somente aquele que se compromete com um propósito maior do que si mesmo e para além de si mesmo parece ser capaz de experimentar as bênçãos e alegrias genuínas da existência (KIERKEGAARD, 2006, p. 242 | SKS 1: 315).

### 3. Considerações finais

Defender que o tédio possa ter um significado positivo no pensamento de Kierkegaard não é uma tarefa muito convidativa quando lemos trechos como este de *Ou-Ou*: “Como o tédio é francamente pavoroso – pavorosamente entediante [...] Fico estirado, inerte; a única coisa que vejo é o vazio, a única coisa de que vivo é o vazio, a única coisa em que me movimento é o vazio” (KIERKEGAARD, 2013, p. 71 | SKS 2: 46). Ou este que acabamos de citar de *O conceito de ironia*: “*Tédio é a única continuidade* que o irônico tem. Tédio, esta eternidade sem conteúdo, esta felicidade sem gozo, esta profundidade superficial, esta saciedade faminta” (KIERKEGAARD, 2006, p. 246-247 | SKS 1: 320). Ou, por fim, este outro de *O conceito de angústia*: “*O demoníaco é o sem conteúdo, o enfadonho [Keedsommelige] [...] O enfado, o não chegar a morrer é, com efeito, uma continuidade no nada*” (KIERKEGAARD, 2010, p. 140 | SKS 4: 434).

Nas citações acima temos um poeta relatando seu estado de ânimo; o *Magister* Kierkegaard criticando os românticos; e, por último, Vigilius Haufniensis descrevendo a experiência da angústia diante do bem. Todos esses exemplos estão inseridos em contextos nos quais encontramos indivíduos que apresentam um grau elevado de inaptidão no que concerne à capacidade deles de se relacionarem com a realidade de maneira positiva ou significativa. Outra coisa em comum a todos esses exemplos é que se trata sempre de indivíduos excessivamente reflexivos – e é justamente do excesso de reflexão que parece se originar a inaptidão deles em se relacionar com a realidade. De alguma forma, a inaptidão de se engajar com a realidade de maneira significativa parece frustrar o indivíduo, inquietá-lo – daí o tédio.

Mas se o tédio for realmente um princípio do movimento (como A postulou n’*A rotação de culturas*) ou um sinal de alerta para a necessidade de utilizarmos melhor nossos recursos cognitivos e nos engajarmos em uma atividade significativa (como as evidências empíricas apontam), então por que os pseudônimos kierkegaardianos se referem a ele como “demoníaco”, isto é, como um fenômeno ligado à não liberdade, à falta de ação, à falta de engajamento com a realidade? Provavelmente porque estão se referindo ao tédio crônico, que é aquele que adviria de uma reiterada frustração por não se conseguir responder adequadamente ao tédio circunstancial e, conseqüentemente, por não se conseguir engajar com a realidade. Ora, indivíduos reflexivos costumam ficar presos em seus cálculos e deliberações; logo, é totalmente coerente que eles experimentem o tédio crônico, mantendo o mesmo padrão disfuncional de resposta ao tédio circunstancial. Nem o tédio circunstancial nem o tédio crônico seriam, portanto, a *causa* da falta de engajamento com o mundo, mas o seu *efeito*. A causa da falta de engajamento com o mundo seria o excesso de reflexão.

A meu ver, enfatizar o caráter crônico do tédio (em detrimento do circunstancial) deveu-se possivelmente a uma estratégia kierkegardiana cujo intuito era chamar a atenção para o problema do excesso de reflexão. A já havia intuído que o tédio funcionaria como uma força motriz existencial e, por isso, não faz sentido supor que Kierkegaard achasse que só existia uma espécie de tédio (o crônico/demoníaco) e que, portanto, o tédio seria sempre e necessariamente negativo. Entretanto, curiosamente, o filósofo dinamarquês não explorou os benefícios do tédio circunstancial, deixando, aparentemente, a última palavra sobre o assunto com A, um autor esteta que respondeu esteticamente ao tédio – o que, em outras palavras, significa que respondeu inadequadamente ao tédio, na medida em que permaneceu desengajado da realidade.

Então, para Kierkegaard, o que seria responder adequadamente ao tédio? Seria, creio, responder-lhe eticamente ou religiosamente, pois é entre as categorias ético-religiosas que se encontra a categoria da seriedade (*Alvor*). Seriedade significa decisão, ação, comprometimento com a tarefa e gratidão pela

dádiva. Que dádiva? A realidade, a existência. Que tarefa? Tornar-se si mesmo. Para Kierkegaard, só o indivíduo que se torna si mesmo é livre e só na liberdade existe a expansão comunicante em direção à alteridade e, conseqüentemente, em direção à realidade efetiva (KIERKEGAARD, 2010, p. 131-132 | SKS 4: 425). A seriedade seria, portanto, a resposta mais adequada ao tédio, mas teria o poder de mantê-lo afastado para sempre? Provavelmente não. O que, kierkegaardianamente falando, parece ser sem dúvida positivo, pois todas as vezes que o indivíduo esmorecer em sua tarefa, perder-se em si mesmo e afrouxar seu engajamento com a realidade efetiva, o tédio estará lá para lembrá-lo o que a existência exige dele.

## Referências

- CAPPELØRN, N. J.; GARFF, J.; KNUDSEN, J.; KONDRUP, J.; MCKINNON, A.; MORTENSEN, F. H. (eds.). **Søren Kierkegaards Skrifter**. Vols. 1-28. Copenhagen: Gads Forlag, 1997-2013.
- CORDEIRO, Robson Costa. O tédio em Kierkegaard e Heidegger. **Trilhas Filosóficas**, Caicó, v. 14, n. 1, p. 85-101, 2021.
- COSTA, P. V. R. da; FEIJOO, Ana M. L. C. de. Daseinanalyse e a tonalidade afetiva do tédio: Diálogos entre psicologia e filosofia. **Phenomenological Studies – Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 26-3, p. 317-328, 2020.
- DANCKERT, J.; MUGON, J.; STRUK, A.; EASTWOOD, J. Boredom: What Is It Good For? *In*: LENCH, Heather C. (ed.). **The Function of Emotions: When and Why Emotions Help Us**. Texas: Springer, 2018. p. 93-119.
- FERRO, Nuno. **Estudos sobre Kierkegaard**. São Paulo, SP: LiberArs, 2012.
- KIERKEGAARD, Søren A. **O Conceito de Angústia**. 2. ed. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis; Bragança Paulista: Vozes; São Francisco, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O Conceito de Ironia**. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls. Bragança Paulista: São Francisco, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Ou — Ou: Um Fragmento de Vida — Primeira Parte**. Vol. 1. Trad. Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.
- MARTARELLI, C. S.; WOLFF, W. Too bored to bother? Boredom as a potential threat to the efficacy of pandemic containment measures. **Humanities & Social Sciences Communications**, v. 7, n. 28, p. 1-5, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41599-020-0512-6>. Acesso em: 30 mai. 2022.
- MCDONALD, William. Kierkegaard's Demonic Boredom. *In*: PEZZE, B. D.; SALZANI, C. (eds.). **Essays on Boredom and Modernity**. [S. L.]: Rodopi, 2009. p. 61-84.

PROTÁSIO, Myriam Moreira. Possibilidade e Interesse: Acerca do Entediar-se em Kierkegaard. **International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics**, Toledo, v. 1, n. 1, p. 188-204, 2017.

SVENDSEN, Lars. **Filosofia do tédio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

TALBOT, Margaret. What does boredom do to us—and for us? **The New Yorker**, New York, 20 aug. 2020. *Annals of Inquiry*. Disponível em: <https://www.newyorker.com/culture/annals-of-inquiry/what-does-boredom-do-to-us-and-for-us?>. Acesso em: 30 mai. 2022.

VARGAS, Jean. O tédio como figura do niilismo em *Ou-Ou* de Kierkegaard. In: MENDES, Natalia (org.). **Kierkegaard através do tempo**. São Paulo, SP: LiberArs, 2021. p. 253-275.

VELASCO, J. Ros. La pandemia del aburrimiento durante el confinamiento por la COVID-19. In: VILLACANAS, J. L. (ed.). **Pandemia: Ideas en la encrucijada**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2021. p. 167-188.

WADHAMS, Luke. **Kierkegaard's Theory of Boredom and the Development of Personality**. 2020. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Kentucky, 2020. Disponível em: [https://uknowledge.uky.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1028&context=philosophy\\_etds](https://uknowledge.uky.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1028&context=philosophy_etds). Acesso em: 30 mai. 2022.

**Recebido em: 29/03/2022**

**Aceito em: 03/05/2022**